

Prefácio: A revolução na história

Yvon Bourdet

Link:

https://www.persee.fr/doc/autog_0338-7259_1973_num_24_1_1823

A autogestão é agora o tema de um debate quase diário nos partidos políticos e na imprensa. Conferências, reuniões e jornadas sobre autogestão foram organizadas por partidos políticos e sindicatos em Paris e nas províncias. O *Liaison Committee for Socialist Self-Management*¹ planejou uma série de manifestações em muitas cidades em 1973 e 1974, distribuindo folhetos e brochuras. Uma minoria significativa do Partido Socialista e da CFDT continua a se referir ao tema da autogestão (como uma *meta*, é verdade, e não como um *meio de ação* imediata). É isso que atualmente os distingue do CLAS e dos grupos anarquistas (*a Organisation révolutionnaire anarchiste* e a *Organisation communiste libertaire*, por exemplo, que planejam lançar uma "revisão militante" para defender sua concepção de autogestão revolucionária, aqui e agora, nos próprios métodos de luta). Como resultado, o movimento universitário socialista que publica *Démocratie et Université* se justifica ao escrever: "Os programas de esquerda realizaram um ato decisivo para o projeto de autogestão: pela primeira vez na história política da França, o que não era mais do que uma fermentação ideológica capaz de alimentar debates entre intelectuais, entrou no cenário eleitoral"². Como resultado, embora a autogestão ainda seja "uma utopia" para muitas pessoas, pelo menos a discussão sobre ela é muito real. O próprio PCF não estava mais se esquivando da discussão e concordou em perguntar se havia uma diferença entre a autogestão e a "gestão democrática" que ele defendia há muito tempo, desde que o debate permanecesse teórico e não questionasse a estratégia ou as táticas de "tomada do poder".

É claro que seria ingênuo acreditar que um ponto de não retorno foi atingido e que a "realização do mito" está próxima. Há muitas maneiras imprevisíveis pelas quais o sistema atual pode tirar proveito disso. Em um caso, um poder carismático concedeu a autogestão local e, em outro, o capitalismo ofereceu, dentro da estrutura muito limitada

¹ C.L.A.S., que reúne a *Alliance Marxiste Révolutionnaire*, o *Centres d'Initiative Communiste Objectif Socialiste* e o *Parti Socialiste Unifié*.

² "Questões abertas. N. 1, *Autogestion et gestion démocratique*, in, *Démocratie et Université*, mouvement universitaire associé au Parti socialiste, Paris, 1973, p. 25.

das empresas, um tipo de participação que se encaixava na "filosofia" da associação nacional capital-trabalho. Na medida em que essas concessões da revolução relaxam a intensidade da luta de classes (pelo menos na consciência dos atores), como elas não poderiam reforçar as situações adquiridas e por que não seriam aceitas pelos trabalhadores como uma pausa, como um trampolim ou até mesmo como uma melhoria imediata nas condições de trabalho, já que todos têm apenas uma vida para viver?

Se é um pouco ingênuo pensar que "a autogestão chegou" porque "todo mundo está falando sobre isso", seria superficial vê-la como nada mais do que um "modismo"³. O movimento dos trabalhadores não pode ser reduzido aos fenômenos da natureza; sua evolução produz um efeito cumulativo por meio da memória social, e nada pode ser exatamente repetido. Uma teoria, mesmo que imperfeitamente compreendida por meio de conquistas recuperativas, pode, no entanto, servir como uma grade interpretativa, permitindo uma leitura antecipada dos eventos e dando, por exemplo, aos trabalhadores da Lip a ideia de assumir o controle de sua empresa, uma ideia adotada por outros que até então haviam permanecido imobilizados em greves estáticas. Esse é o significado da famosa e melancólica frase: "Nada voltará a ser como antes". Ninguém pode prever razoavelmente a dinâmica do projeto de uma sociedade sem uma divisão social entre líderes e trabalhadores, autocriando uma organização que dê a todos espaço e tempo para realizar seu potencial. Como esse objetivo programático não poderia aparecer como um buraco ideológico infinito além dos becos sem saída que se tornaram os regimes do comunismo centralizado, bem como das democracias democráticas... da desigualdade burguesa e suas variantes social-democratas?

Por fim, seria pretensioso para os pequenos grupos de pessoas que "uma vez pregaram no deserto" levar o crédito pela atual conscientização política generalizada ou lamentar os dias de certezas de vanguarda e as satisfações elitistas do profetismo. Uma ideia deixa de ser abstrata somente quando é compreendida e adotada por um grande número de pessoas, e devemos, com Max Adler, sociologizar o vínculo necessário entre necessidade e universalidade. Desse ponto de vista, a disseminação, a popularização e a

³ A ilusão aqui decorre da novidade da palavra, que só foi introduzida na França na década de 1960. Quanto à demanda por democracia direta, ela é subterrânea em toda a história humana. Sob essa perspectiva, precisamos reexaminar certos aspectos das cidades gregas, a *Lex Hortensia* (287 a.C.) e a *Lex Benedict* (287 d.C.).C.), as comunas da Idade Média, que persistiram em alguns países até o século XIX, os cantões suíços, o Zadruga, as primeiras repúblicas da América do Norte, os *agitadores* nas tropas de Cromwell, a revolução de 1789 (veja, sobre esse assunto, a interpretação de Karl Korsch), a interpretação de Karl Korsch), a revolução de 1848 ("a Comissão de Luxemburgo") e, é claro, a revolução de 1817, o sindicalismo revolucionário de ação direta e, em nosso século, o movimento dos conselhos de trabalhadores (Rússia, Alemanha, Áustria, Itália, Espanha, Hungria, Polônia etc.) que está começando a ser mais bem compreendido.), que está começando a ser um pouco mais conhecido.

banalização da pesquisa sobre autogestão são fenômenos positivos, na medida em que, longe de interromper a pesquisa, eles a levam adiante, estimulam-na, incorporam-na e verificam-na (ou invalidam certos aspectos dela) por meio da prática política cotidiana. No entanto, não podemos subestimar o perigo de um ativismo de pequena escala que se fecharia na repetição pedagógica de slogans e slogans, em um círculo iterativo fechado à pesquisa, e que apresentaria a teoria da autocriatividade como um dogma completo que teria de ser forçado, pronto, na cabeça das massas. Isso criaria um divórcio entre o trabalho teórico voltado para a cientificidade, por meio da sociologia, da história e da filosofia fundamental, por um lado, e um compromisso político com a propaganda pura, por outro. Isso seria prejudicial tanto para a pesquisa teórica, que seria cortada da história imediata, quanto para o ativismo de autogestão, que seria condenado ao positacismo ou à improvisação sem fundamento ou perspectiva. É por isso que, depois de fazer eco às posições assumidas por um certo número de grupos políticos em sua última edição (e ao mesmo tempo revelar sua "falta" àqueles que não se deram a conhecer, daí a pressa que todos sentem agora de se expressar em todas as ocasiões), a revista *Autogestion et Socialisme* reabre hoje um dos aspectos essenciais do debate original, em um duplo sentido:

- Em primeiro lugar, porque estamos falando da *primeira* revolução que conseguiu eliminar os proprietários privados dos meios de produção;
- e, em segundo lugar, porque a questão colocada é primordial: trata-se de saber se uma revolução *pode ser alcançada no e pelo movimento autônomo dos trabalhadores* ou se deve ser *pensada e dirigida por uma minoria*, nesse caso pelo aparato salvador de um partido da classe trabalhadora, que se autoproclama o reitor e quase o salvador da classe trabalhadora.

Para elucidar esse ponto crucial, é essencial ter um conhecimento preciso e detalhado da experiência da Revolução Russa de 1917 a 1921 (ou seja, da época de Lênin). Infelizmente, *apesar da* enorme quantidade de literatura publicada sobre esse período (ou melhor, por causa *dela*), a maior parte dessa história permaneceu muito confusa e contestada. Não apenas os vários grupos ideológicos produziram relatos contraditórios, mas cada um desses discursos é, em si mesmo, muitas vezes incoerente. Mostramos, por exemplo, em um estudo anterior, que os "fatos" relatados por Trotsky em sua *História da Revolução Russa* não são inteligíveis "à luz" da teoria autônoma que ele fez do movimento, porque ele é um revolucionário obrigado a dar testemunho às massas, ao mesmo tempo em que deseja manter o papel de liderança do partido

bolchevique em primeiro plano⁴. Por sua vez, os historiadores "burgueses" naturalmente insistiram na ilegalidade fundamental da revolução, em sua injustiça e em seus crimes. Os social-democratas - ao mesmo tempo em que se regozijavam com o colapso da autocracia imperial - também denunciavam essas injustiças e crimes que, em sua opinião, resultavam do fato de os bolcheviques terem deliberadamente se precipitado; A Rússia só estava madura para uma revolução burguesa, e *o socialismo só poderia ser estabelecido lá por meio do terrorismo*, pela excelente razão de que a pré-condição de Marx de uma imensa maioria proletária estava longe de ser atendida. Mais blanquistas do que marxistas, os bolcheviques queriam seguir uma *política* cuja *base econômica* ainda não havia sido estabelecida. Os bolcheviques tentaram mascarar esse blanquismo por meio de uma demagogia ativa, não apenas com os trabalhadores (a quem ofereceram o poder), mas também com os soldados (a quem prometeram o fim imediato da guerra) e os camponeses (a quem distribuíram terras). Como resultado, ela poderia ser considerada não como uma *revolução proletária*, mas como uma *revolução plebeia*⁵. Mas o principal estratagema da liderança do partido bolchevique foi o lançamento tático do slogan: "Todo poder aos soviets!" Aqui, o amálgama entre o movimento autônomo dos conselhos e as manipulações do aparato do partido bolchevique foi um "crime" quase perfeito, a tal ponto que, mesmo na pior era do imperialismo e do despotismo sangrento de Stalin, o regime na Rússia continuou a ser chamado de "*união das repúblicas soviéticas*". Kautsky e Otto Bauer eram "renegados"⁶; Rosa Luxemburgo, mal informada na prisão, havia apenas escrito algumas notas rápidas que teria corrigido se não tivesse sido assassinada. Quanto aos anarquistas, bastava repetir que eles eram "os aliados objetivos dos Guardas Brancos", em Kronstadt e em outros lugares.

As táticas dos bolcheviques e dos vários partidos comunistas em todo o mundo eram extremamente simples: qualquer crítica à revolução russa - independentemente de seu conteúdo - era mecanicamente apresentada como uma falsificação da direita, uma

⁴ "Le parti révolutionnaire et la spontanéité des masses ou les contradictions de Trotsky dans l'histoire de la révolution russe", em *Noir et Rouge*, N. 15-16, 1960, texto reimpresso em *Communisme et marxisme*, Paris, Brient, 1963, pp. 13-37. Veja o comentário sobre esse estudo de Cohn-Bendit, *Le Gauchisme remède à la maladie sénile du communisme*, Paris, Seuil, 1968, pp. 221-223.

⁵ Cf. "*Le nouveau cours dans la Russie des Soviets*" em *Otto Bauer et la Révolution*, E. D. I., Paris, 1968, pp. 73-77. Consulte também as pp. 169-177.

⁶ Um sintoma da eficácia contínua da campanha de insultos bolchevique é a recente reedição comercial em francês do único livro de Trotsky, *Response: Terrorism and Communism* (*Resposta: Terrorismo e Comunismo*), ao livro de Kautsky com o mesmo título. Essa crítica acadêmica e bem documentada da revolução russa feita por Kautsky foi publicada em 1919 e imediatamente traduzida para vários idiomas, inclusive o nosso. Ele não foi republicado em francês.

traição à grande causa da revolução proletária, daí a irritação insuportável causada pelas críticas de Trotsky (quando ele foi eliminado da Rússia por Stalin). Era difícil (como foi mais tarde para Tito e Mao) fazer Trotsky passar por um capanga da burguesia; embora não houvesse hesitação em falar do hitlerismo-trotskismo, havia tão pouca crença nele que parecia mais rápido e seguro mandar assassinar o homem que havia desempenhado duas vezes um papel de liderança à frente do soviete de Petrogrado.

As críticas do próprio Trotsky logo pareceram insuficientes para alguns de seus seguidores, especialmente aqueles que fundaram o grupo *Socialisme ou Barbarie* na França no final da década de 1940. Para eles, não era mais possível "explicar" a "degeneração" da revolução russa por uma série de fatores conjunturais; na realidade, tratava-se de um defeito radical: a perpetuação da exploração na Rússia era o resultado das relações de produção que constituíam uma nova sociedade de classes. No entanto, para uma parte do grupo *Socialisme ou Barbarie*, convencida da necessidade de organização revolucionária, a crítica ao novo regime de exploração na Rússia e às democracias populares coexistia com uma intensa admiração pelo papel desempenhado pelos bolcheviques sob o comando de Lênin e Trotsky. A questão da utilidade ou da nocividade de um partido de vanguarda foi, no entanto, objeto de discussões intermináveis que, em longo prazo, levaram a uma divisão no grupo. A minoria que deixou o *Socialisme ou Barbarie* em 1958 levou ao pé da letra a tese da autoemancipação dos trabalhadores, e as tarefas do grupo se limitaram à disseminação de informações para garantir a ligação e a correspondência entre as várias ações espontâneas dos trabalhadores.

Foi no contexto de um debate tão fundamental que as ações do aparato do partido bolchevique puderam ser observadas criticamente e começaram a ser estudadas sem tabus. A satisfação plena que resultou do relato canônico dos eventos de 1917 foi sucedida (para fazer referência ao trabalho de Voline) pela suspeita da *revolução desconhecida*⁷. Não é possível entrar em detalhes aqui, mas vale a pena mencionar a tradução francesa de "L'opposition ouvrière" de Alexandra Kollontaï, publicada na Rússia em 1921⁸, que apareceu na edição nº 35 da *Socialisme ou Barbarie* (1964). Esse

⁷ Voline, *La Révolution inconnue* Les Amis de Voline, Paris, 1947, 699p.

⁸ Esse texto foi traduzido para o inglês assim que apareceu em russo e publicado no Workers Dreadnought de Sylvia Pankhurst (uma comunista de esquerda inglesa). Essa tradução foi reimpressa em 1962 pelo grupo *Solidarity* (veja uma nota sobre esse grupo no final deste prefácio), juntamente com importantes notas históricas. Essas notas e o texto em inglês foram traduzidos para o francês por Alain e Hélène Gérard e publicados em *Socialisme ou Barbarie* N. 35, janeiro-março de 1964, precedidos por uma introdução de Paul Cardan: "Le rôle de l'idéologie bolchevik dans la naissance de la bureaucratie". A tradução de *L'opposition ouvrière*, preparada por Pierre Pascal na Rússia na época de sua publicação em

foi o testemunho de um militante bolchevique, escrito no calor do momento e atestando o controle do aparato centralizado do partido sobre os sindicatos dos trabalhadores. Os leitores terão agora a prova, graças à cronologia precisa, completa e detalhada de Brinton (que ocupa toda esta edição), de que o protesto de Alexandra Kollontai dizia respeito a fatos que eram meramente a consequência de um aperto que havia começado já em 1917, como Oskar Anweiler demonstra em seu trabalho acadêmico *Les soviets en Russie, 1905-1921*, recentemente traduzido para o francês⁹. Anweiler prova meticulosamente que equiparar o bolchevismo aos soviets é "historicamente indefensável"; os soviets tiveram uma origem autônoma e foi somente em um estágio de seu desenvolvimento que eles foram "integrados" ao estado bolchevique, ou seja, "desintegrados".

É claro que se pode argumentar que, sem o terror instigado por Lênin, Trotsky, Kamenev, Zinoview e os outros bolcheviques em 1917, os conselhos de trabalhadores teriam sido obrigados a ceder à reação e que, na melhor das hipóteses, "uma república burguesa" teria sido estabelecida na Rússia. Também podemos argumentar honestamente que quanto melhor o regime bolchevique (com o qual os capitalistas burgueses) acabou fazendo um favor às democracias ocidentais ao desqualificar aos olhos de muitos - e talvez por um século - a figura da revolução marxista sob as máscaras horríveis e grotescas da ditadura minoritária da burocracia política. Seja como for, o fato é que agora podemos refletir sobre o evento histórico que está sendo gradualmente restaurado, ou pelo menos pode ser "restaurado". Na verdade, como Cardan apontou em sua introdução citada sobre a falsificação da revolução de Kollontai na Rússia em "Opposition to the History of the Workers", não se trata apenas de não relatar todos os fatos ou de "distorcê-los" deliberadamente. A causa é muito mais profunda e tem a ver com a psicanálise social.¹⁰ Com exceção dos anarquistas (uma exceção que Cardan não menciona), os vários historiadores desse período - comunistas ou burgueses - não tinham as categorias mentais necessárias não apenas para "entender", mas até mesmo para "registrar" os eventos, nesse caso, um movimento revolucionário

russo, será publicada no início de 1974 pela Editions du Seuil. Sobre Kollontai, veja sua autobiografia, seguida de notas de J. Marie em *Les Bolcheviks par eux-mêmes*, Maspero, Paris, 1969, pp. 311-319.

⁹ *Die Rätebewegung in Russland 1905-1921*, Leiden, F. J. Brill, 1958, traduzido por Serge Bricianer, Gallimard, Paris, 1972, p. 355.

¹⁰ Cardan se contenta em evocar "o delírio anarquista" misturado com "a fúria reacionária das testemunhas burguesas e a fúria não menos rosnada dos social-democratas (...) a historiografia oficial, periodicamente reescrita para atender às necessidades da burocracia; e a dos trotskistas, preocupados exclusivamente em se justificar após o evento e esconder seu papel nos primeiros estágios da degeneração...". (*Socialisme ou Barbarie* nº 35, p. 39).

sem um líder, sem um aparato de direção, sem estatutos, sem um programa escrito com antecedência, o que se traduz positivamente na "autocriatividade social e política das massas". Esse surgimento histórico só pode ser percebido sob os termos testados e comprovados de "desordem" ou "perturbação", uma história "cheia de barulho e fúria". Como Marx escreveu no final da primeira parte do *Manifesto Comunista*: "todos os movimentos do passado foram obra de minorias ou beneficiaram minorias" (nesse caso, o aparato do partido bolchevique e aqueles que se juntaram a ele, líderes dos soviets, mas também ex-oficiais do czar e ex-diretores de empresas recrutados como técnicos em nome da eficiência). Como resultado, os "observadores" (treinados no passado) não tinham as categorias intelectuais que lhes permitiriam reconhecer "o movimento proletário" como "o movimento autônomo da imensa maioria em benefício da imensa maioria" (*Manifesto Comunista*, final da Primeira Parte). O interesse excepcional do estudo de Brinton e do grupo *Solidariedade* baseia-se em uma espécie de revolução copernicana na mente do historiador: em vez de embalar à força os fatos no leito procrusteano de esquemas pré-existentes, é a mente que informa e reforma a si mesma e por meio da novidade do evento¹¹. É por isso que o relato metódico de Brinton, que descreve a formação de um aparato burocrático de economia e produção, não apenas restabelece fatos desconhecidos ou "reprimidos", mas restaura a eles (além da aparência de "desordem" e "distúrbio") o significado original que havia sido imediatamente combatido, dirigido e recuperado pela burocracia nascente, no "esquecimento" da primeira linha dos estatutos da *Primeira Internacional*: "A emancipação da classe trabalhadora deve ser obra dos próprios trabalhadores". Anna Pankratova - em um relato que, no entanto, era muito favorável aos bolcheviques - forneceu provas disso, talvez inadvertidamente, ao reproduzir o texto de um aviso enviado "aos trabalhadores de Petrogrado" pelas chamadas "organizações proletárias". Aqui está ele: "*A classe trabalhadora deve, é obrigada a mostrar (quem está falando? e em nome de quê está prescrevendo ao proletariado o que ele deve fazer?) sua firmeza de caráter e sua resistência para que o governo do povo possa realizar todas as suas tarefas. Novas leis serão promulgadas* (sublinhe: "promulgadas") *nestes dias sobre a questão dos trabalhadores: uma das mais importantes dirá respeito ao controle da produção pelos trabalhadores* (que será, portanto, "concedido" aos trabalhadores?) e à

¹¹ A tomada da fábrica da Lip por trabalhadores em greve em Besançon no verão de 73 desencadeou o mesmo fenômeno de miopia voltada para o passado. Na ausência dos "executivos da gerência", a administração (provisória) da empresa teve de ser "explicada" por novos líderes descritos como "gentis" e pelo recurso ao (retorno ao) senso cristão de comunidade, e assim por diante.

padronização (a palavra fará fortuna) *da indústria* (sob o impulso de Trotsky, essa "padronização" da indústria e do transporte será, como sabemos, militarização). *As greves e manifestações são prejudiciais a Petrogrado* (onde os bolcheviques assumiram o poder). *Pedimos que cessem imediatamente todas as greves econômicas e políticas, que retomem o trabalho e que o realizem em perfeita ordem. O trabalho na fábrica, assim como em todas as empresas, é necessário para o novo governo dos soviets* (como os membros dos soviets podem não perceber isso?). *Porque qualquer desorganização cria novas dificuldades para nós que, de outra forma, já seriam suficientes* (já são suficientes as lamúrias dos líderes, nossos dedicados ministros, de quem devemos ter pena por causa de todo o trabalho que eles generosamente fazem para o nosso bem maior. Sejam gratos, não dificultem o trabalho deles e ponto final): *Cada um em seu lugar!* (Ah, a bela revolução que termina, assim que os líderes "tomam" o poder, com esse slogan dinâmico e libertador: "Todos de volta ao seu lugar!") O caos dos dias anteriores foi útil para expulsar os antigos mestres. Obrigado a todos. Mas agora a brincadeira acabou, que cada um volte para o seu lugar, porque *a melhor maneira*, dizemos em conclusão, *de apoiar o governo dos soviéticos nestes dias é fazer o seu trabalho*"¹². Não era essa a melhor maneira de apoiar o antigo governo? Desse modo, mesmo que os antigos proprietários privados dos meios de produção fossem felizmente eliminados, a observação de Marx poderia ser repetida mais uma vez: "As revoluções até agora realizadas por minorias só foram realizadas por minorias ou só beneficiaram minorias".

Muitas pessoas ainda se escandalizam com essa conclusão e responderão que nossa interpretação dos primeiros anos da revolução russa é uma espécie de anacronismo, que é com a lente de aumento da denúncia dos "crimes de Stalin" que conseguimos detectar e quase inventar esse sufocamento da autonomia dos conselhos pelo aparato burocrático do partido bolchevique. Portanto, tomamos a liberdade de terminar este prefácio transcrevendo dois textos escritos quando a Revolução de Outubro ainda não havia comemorado seu primeiro aniversário. Esses dois testemunhos têm outra função: muitos revolucionários (especialmente intelectuais) estão legitimamente preocupados em não se misturar com os burgueses ao criticar os bolcheviques; eles temem que uma preocupação exagerada com a verdade histórica e

¹² Anna Mikhailovna Pankrotova, "Les comités d'usines en Russie à l'époque de la Révolution (1917-1918)", em: *Autogestion*, N. 4, dezembro de 1967, p. 50. Esse texto, publicado em Moscou em 1923, permaneceu inédito em francês até sua publicação por nossa revista.

uma "repulsa pequeno-burguesa" pelas necessidades, às vezes cruéis, de escravização com uma intenção libertadora os levem a ser classificados como pequenos revolucionários "em câmaras" ou "em câmaras". Talvez eles tenham menos necessidade de bancar o cínico e ousem ser eles mesmos com o apoio de Rosa Luxemburgo e Maxim Gorky?

- *Em vez de instituições representativas baseadas em eleições populares gerais, Lênin e Trotsky impuseram os soviets como a única representação verdadeira das massas trabalhadoras. Mas se a vida política for sufocada em todo o país, a vida nos soviets ficará inevitavelmente paralisada. Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem uma luta livre de opiniões, a vida em todas as instituições públicas murcha e estagna, e a burocracia continua sendo o único elemento ativo. A vida pública gradualmente adormece; algumas dezenas de líderes partidários, animados por uma energia inesgotável e um idealismo sem limites, dirigem e governam; o poder real está nas mãos de uma dúzia deles dotados de inteligência eminente; e a elite da classe trabalhadora é convidada de tempos em tempos a participar de reuniões para aplaudir os discursos dos líderes e votar unanimemente nas resoluções propostas; Basicamente, portanto, um governo costeiro - certamente uma ditadura, não a ditadura do proletariado, mas a ditadura de um punhado de políticos, em outras palavras, uma ditadura no sentido burguês, no sentido da hegemonia jacobina (o intervalo entre os congressos soviéticos foi adiado de três para seis meses!). Além disso, tal estado de coisas necessariamente gera um surto de selvageria na vida pública, ataques, execuções de reféns, etc."*¹³ . (Será que aqueles que há muito tempo procuram uma explicação para os "excessos do culto à personalidade" não fariam bem em consultar o final desse texto? É verdade que essa interpretação implica Lênin e Trotsky; ela não nos permite continuar a "colocar a culpa" somente em Stalin).

- *O poder passou para os conselhos apenas no papel*", escreveu o jornal de Gorky em 7 de dezembro de 1917, *"na ficção, não na realidade. Os bolcheviques apresentaram ao Congresso dos Soviets o fato consumado da tomada do poder por eles mesmos, não pelos soviets. Foi em um clima de insurreição que as sessões do Terceiro Congresso ocorreram, com a força das baionetas com que os bolcheviques contavam (...). Nos cantos das províncias onde os soviets estavam hesitantes, onde os bolcheviques não tinham uma maioria garantida, estes últimos se esforçaram para*

¹³ Rosa Luxemburg, "The Russian Revolution", trans. Claudie Weill, em *Oeuvres II*. Maspero, Paris, 1969, pp. 84-85.

amedrontar os soviets e apresentar-lhes a seguinte alternativa: ou se submeter, ou convocar uma guerra civil dentro das fileiras da democracia. Foi assim que o slogan "Todo o poder aos soviets" foi traduzido para a realidade, transformado no slogan "Todo o poder a um punhado de bolcheviques" (...). A importância dos conselhos já desapareceu, seu papel foi reduzido a nada (...). Uma República dos Soviets! Palavras tão vazias! Na verdade, é uma república oligárquica, a república de alguns comissários do povo. Então, no que os soviets locais se transformaram? Como apêndices dóceis e passivos dos "comitês militares revolucionários" bolchevistas ou de comissários nomeados de cima para baixo¹⁴.

Assim, como podemos ver, depois de ter, por alguns meses - por razões táticas e com um brilhante senso de oportunidade - adotado o slogan: "Todo poder aos soviets", Lênin voltou à prática da tese fundamental que havia desenvolvido no início do século em *O que fazer?* A revolução tinha de ser *liderada* por um punhado de profissionais. Trotsky, que em 1904 havia se oposto à doutrina elitista e centralista de Lênin (veja sua obra *Nos tâches politiques*, recentemente publicada em francês), era agora uma espécie de ultrabolchevista (veja, por exemplo, sua resposta a Karl Kautsky sobre esse assunto: *Terrorisme et communisme*)¹⁵. Quando foi expulso da liderança do partido e até mesmo da Rússia, Trotsky certamente descreveu o stalinismo como uma traição à revolução, mas não podia assumir suas críticas antileninistas sem condenar sua própria ação durante os primeiros anos da revolução. Portanto, ele foi reduzido a cunhar, sem muita relevância, o conceito inadequado de um "estado operário degenerado".

O livro de Anweiler e a cronologia de Brinton, que vem a seguir, finalmente tornarão possível colocar, com base na experiência histórica, o problema real das formas e meios de uma revolução que não se limitaria a mudar a divisão entre governantes e governados.

¹⁴ *Novaja Zizn'*, 195, 7, (20) de dezembro de 1967, citado por Oscar Anweiler, *op. cit.* p. 260.

¹⁵ Ver Leon Trotsky, *Nos tâches politiques*, tradução revisada e corrigida por Boris Fraenkel, P. Belfond, Paris, 1970, p. 256, e, do mesmo autor, *Terrorisme et communisme* (l'Anti-Kautsky), Union générale d'édition (10/18), Paris, 1963, p. 316. Essas duas obras raramente são citadas pelos grupos trotskistas atuais.